



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **RELAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO EM “METAMORFOSE” DE GENI GUIMARÃES E “UM SÓ GOLE” DE MIRIAM ALVES**

UFRPE – UAG Marília de Azevedo Santos

#### **Introdução**

Segundo Darcy Ribeiro, o Brasil, historicamente, tem se identificado como um país mestiço, tanto biologicamente quanto culturalmente. Diferente de uma sociedade pluralista, a sociedade mestiça seria formada por uma única raça, fruto da “mistura” de várias outras. No Brasil mestiço, os problemas de discriminação e preconceitos raciais seriam eliminados, pois, a população se reconheceria apenas como “brasileira”: uma raça nova, forte, composta pelas características biológicas e culturais de suas três raças formadoras: O índio, o branco e o negro, como defende o autor em sua obra “O povo brasileiro”.

Segundo Munanga (2008), as questões raciais no Brasil não estão ligadas apenas as marcas étnicas, mas também, a relações econômicas e sociais, o que faz com que a sociedade brasileira busque valorizar as características biológicas e culturais da porção da população dominante economicamente, neste caso, os brancos. Do pensamento que promove essa organização social advêm muitas construções culturais que colaboram para a discriminação das características da raça negra, como por exemplo, o hábito de relacionar ao branco toda a bondade, a claridade, a luz e ao negro a maldade, a escuridão e as trevas. Assim, tanto o negro que ascende economicamente quanto aquele que permanece nas classes sociais mais baixas tendem a negar suas marcas étnicas.

Na história do povo negro no Brasil observa-se que os homens, após a abolição da escravatura, tiveram que se adaptar a cultura europeia dominante, abrindo mão de muitos de seus costumes, crenças e de seu discurso para assimilar a cultura do branco, pois isso representava sua sobrevivência. As mulheres negras, por sua vez, em sua maioria, tinham o papel de manter e cuidar da casa e da família e assim, graças a essas negras mães e donas de casa, uma parte da memória cultural de seus antepassados africanos ficou guardada nas receitas, nas histórias, nas rezas que essas mulheres aprenderam com suas mães e avós e



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ensinaram as suas filhas. As mulheres negras são, por isso, heroínas anônimas da cultura negra, pois assumiram o papel de resguardar e garantir o futuro da tradição.

A partir da década de 60, as mulheres passaram a conquistar e defender novos papéis sociais e alcançar lugares antes pertencentes apenas aos homens. Embora a desigualdade entre homens e mulheres, nas mais diversas áreas, com o homem estando na posição superior na grande maioria das vezes, seja facilmente identificável, a luta das mulheres tem promovido mudanças no cenário opressor do patriarcalismo.

No caso das mulheres negras essa opressão é duplicada: pela condição de gênero e pela condição de raça. O que acabou fazendo com que essas mulheres, para serem aceitas e atuarem com mais autonomia na sociedade, tivessem que executar um movimento semelhante ao dos homens negros, quando recém-libertados, de assimilar o discurso do branco de discriminação e buscar esconder suas marcas étnicas, principalmente as marcas fenotípicas como a cor da pele, as proporções de nariz e lábios e o cabelo crespo.

Em “A crítica feminista no território selvagem”, Showalter (1994), fala sobre a busca de uma estética feminista negra que buscava abordar as políticas raciais e de gênero ao mesmo tempo. Os contos analisados aqui podem ser classificados como exemplificação dessa estética, considerando que seu tema central é a mulher que, diante do preconceito, assimila o discurso hegemônico da supremacia da raça branca sobre a raça negra, nega as marcas fenotípicas de sua raça, buscando um “embranquecimento”.

As duas escritoras, cujos contos serão analisados aqui, também podem ser consideradas como exemplos desta estética, considerando que ambas consideram a si próprias como escritoras Afro-brasileiras: A paulista Geni Guimarães é professora, poeta e ficcionista e desde o início dos anos 80 está próxima do grupo Quilombhoje e do debate em torno da literatura negra. Sua obra aqui analisada é o conto “Metamorfose” publicado pela primeira vez em 1988, em seu livro de contos *Leite do peito*. E Miriam Alves, também paulista e também participante do grupo Quilombhoje desde os anos 80, é contista e poeta, além de ministrante de cursos e palestras sobre literatura e cultura afro-brasileira no Brasil e nos EUA. Seu conto aqui analisado tem como título “Um só gole” e foi publicado em 2011, no livro de contos *Mulher Mat(r)iz*.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O objetivo deste estudo é observar nas obras como se estabelecem as relações de raça e gênero diante desta situação de discriminação, por parte da maioria hegemônica branca da sociedade, para com as características fenotípicas da raça negra, assim, os contos que compõem este *corpus* de análise foram escolhidos por apresentarem personagens que vivenciam essa situação. A análise a seguir será baseada em pontos em comum dos dois contos que exprimem a assimilação do discurso racista por parte da mulher negra e quais são as motivações e as consequências dessa internalização, por fim, serão discutidas as relações entre a assimilação do discurso do branco e a reconstrução da história e da memória negra como característica da literatura afro-brasileira.

### **1. Raça e gênero em “Metamorfose” e “Um só gole”**

No conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães, a voz narrativa em primeira pessoa conta uma memória de infância, onde a narradora, é a única menina negra na classe em que estuda. No conto, a professora pede a turma que escreva um poema em comemoração do dia da abolição da escravatura e a menina compõe versos em homenagem à princesa Isabel, que considera como sendo a “redentora” dos negros escravizados. No início do conto não é possível perceber nenhuma marca de discriminação em relação à raça, mas, no decorrer da narrativa, a partir da aula da professora sobre a história dos escravos, é possível acompanhar a mudança de pensamento da menina, que se percebe como sendo, numa sala de aula cheia de crianças brancas, a única representante de uma raça considerada como “inferior”. Diante da vergonha de pertencer a este grupo a menina, ao chegar em casa, tenta “tirar o negror da pele”, com uma mistura que sua mãe utiliza para limpar a sujeira das panelas, provocando ferimentos na pele e, como ela mesma afirma, ferimentos na alma. Nesta obra pode ser observado como a história, contada somente do ponto de vista do branco, pode suprimir ou mesmo modificar os fatos e como essa alienação da história pode ser prejudicial para as chamadas minorias, que tem sua memória cultural menosprezada.

O conto de Miriam Alves, “Um só gole”, também é narrado em primeira pessoa. Na narrativa o leitor acompanha as memórias e o fluxo de pensamento de uma mulher negra, que se encontra na dúvida de se entregar para a morte ou para a vida e a narrativa dos acontecimentos que a fizeram chegar neste ponto. A narradora/ personagem neste conto se



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

identifica com uma “rastejadora”, no sentido de que pertence a um grupo humano de pessoas que passam a vida sendo humilhadas, oprimidas, “rastejando” diante da sociedade, e assim como no conto de Geni Guimarães, também a memórias de sua vida escolar na infância para explicar as origens de sua angústia. Essa memória retrata a construção de uma peça de teatro escolar, em que a personagem é impedida de representar o papel de Maria por ter a pele negra. Neste conto é possível observar as consequências da violência sofrida pela menina em idade escolar, que se transformam em auto violência no decorrer de sua vida até a idade adulta.

A seguir serão destacados trechos dos dois contos alternadamente que exprimem momentos e sensações em comum narrados pelas duas vozes narrativas;

### *1.1 A constante do medo*

Nas duas obras a tensão e o medo são sentimentos constantes nas narradoras/personagens. No conto “Um só gole”, o medo é explicação para a busca pela morte, como se observa logo no início do texto em: *“Tenho medo. Muito medo. Não tenho medo de morrer, acho que é para isso quês servem os suicídios. Sinto medo de viver. É por isso que existem os suicidas. Medo de viver. Medo da vida.”* (ALVES, 2011, p. 80)

O medo que se repete é o da possibilidade da chuva, que traria mudanças profundas na natureza da narradora/personagem, como em: *Parece que vai chover(...)Será que vai chover?(...) parece que vai chover, quando chove, a natureza inteira estremece.”* (ALVES, 2011, p. 80/81). Essas mudanças profundas, temidas pela personagem, podem ser atribuídas a dois acontecimentos que seriam desencadeados pela chuva: o primeiro deles seria a volta da característica de seu cabelo crespo, que ela tenta esconder utilizando o ferro-quente para mantê-lo alisado e a segunda seria a transformação de sua identidade que deixaria de ser de “rastejadora” para ganhar liberdade de expressão. A chuva então não é apenas um fenômeno natural, mas também um símbolo da mudança de consciência, de aceitação da própria origem e de coragem para vencer esse medo sempre presente.

Em “Metamorphose” a explicação para o medo é atribuída pela narradora em sua memória de menina a uma característica genética da raça negra, como em:

*“Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães . . . Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros,*



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

*nada. Por isso que meu pai tinha medo do seu Godoi, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flavio. Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe ... Por isso e que eu tinha medo de tudo. O filho puxa o pai, que puxa o avo, que puxou o pai dele, que puxou ...” (GUIMARÃES, 2001, p.59)*

Nota-se nesse trecho a assimilação do pensamento hegemônico pela menina, que acredita que os heróis da história, detentores de características positivas como honra, força e, principalmente, coragem, só poderiam ser brancos, pois os negros são por natureza fracos, covardes e medrosos e por isso sua família, e ela mesma, também são fracos e medrosos. A partir daí então a discriminação ocorre não ocorre necessariamente pelos colegas brancos, mas pela própria menina, que passa a se sentir inferior.

### *1.2 A alienação da história e da memória negra*

É importante observar aqui que a história e a memória cultural de um povo tem relação direta com a identificação positiva ou negativa desse povo no presente. A história em geral, tende a ser contada do ponto de vista do vencedor, do opressor, enquanto a história dos vencidos tende a ser menosprezada. Essa história alienada, neste caso a história do povo negro alienada, promove o afastamento do indivíduo negro de sua identidade e faz com que ele busque seu lugar na sociedade assimilando a história, a cultura e o discurso do branco.

Essa elevação da história e da memória do povo branco em detrimento da história e da memória do negro é notada no conto “Metamorfose” no trecho a seguir:

*“Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data: -Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados as vezes até a morte. Quando não ... E foi ela discursando por uns quinze minutos. Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosaria. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! Quis sumir, evaporar, não pude.” (GUIMARÃES, 2001, p. 58)*

Aqui, nota-se a desilusão da menina ao descobrir que os escravos descritos por sua avó, não eram os mesmos escravos que a professora descreve na escola. Existe aí um embate entre a memória negra advinda de sua origem, ou seja, vinda do próprio negro e a história do negro contada a partir do ponto de vista do branco. No conto, a menina dá mais credibilidade ao discurso da professora, que é o discurso oficial e se sente então oprimida.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Uma situação parecida também é narrada no conto “Um só gole”, de forma ainda mais violenta, quando a menina escolhe fazer o papel de Maria, mãe de Jesus, e somente por exprimir essa possibilidade é ridicularizada pelos colegas brancos:

*“Pela ocasião do natal, Ergos faria representar o nascimento de Jesus. Na Escolha das personagens eu escolhi para ser Maria. Foi um riso só. Ria Ergos. Riam os meus colegas, menos o Joãozinho que queria ser José Carpinteiro. Fiquei olhando todos. Magoada sem entender. Ergos tentou convencer-me a fazer a Camponesa “- Não, dizia eu”. Afinal tinha me saído bem no papel anterior. Os risos aumentavam de intensidade. Diante de minha obstinação, Ergos disse: - “Maria não pode ser da sua cor”, Chorei, lágrimas sorriam entrecortadas por soluços. Isto fazia a hilaridade da criançada que improvisava um coro: - “Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus”. Corri sala afora. Corri dos colegas, da aula, da escola. Perseguiu-me o coro e a algazarra da criançada que me apontava acusatoriamente: “Maria pretinha, quer ser mãe de Jesus”. Minha vontade era de gritar com todo o me fôlego: “E daí? O que é que tem? Não somos todos filhos de Deus? Deus tem cor?” Fiquei sufocada com as contestações presas na garganta.” (ALVES, 2011,82)*

Nesse trecho é possível observar que o discurso da discriminação rejeita tudo aquilo que está fora do padrão hegemônico preestabelecido, estendendo-se inclusive para os aspectos sociais que se propõem a ser unificadores, como a religião. A menina é impedida de representar o papel de Maria, mãe de Jesus, simplesmente por ter a pele negra. O que se observa nessa proibição é o absurdo de uma premissa, a de que Maria, Mãe de Jesus, só poderia ter a pele branca, baseada somente em um discurso construído culturalmente, que é o discurso da inferioridade do negro, e não em fatos históricos.

### *1.3 Violência e auto-violência*

A necessidade de ser aceita pela sociedade parece ser forte a ponto de levar as narradoras/personagens a violentarem o próprio corpo, em busca de disfarçar ou modificar as características de sua raça como se observa no trechos a seguir, do conto “Metamorfose”, em que a menina, envergonhada de ser parte de uma raça que entende como inferior, tenta “limpar” o tom negro de sua pele:

*“A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.” (GUIMARÃES, 2001, p.60)*

No conto “Um só gole” a busca pela aceitação faz com que a personagem busque uma imagem diferente daquela que a natureza lhe impõe, mas, pelo que se nota no trecho a seguir



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

essa imagem tem um resultado falto, caricaturado, pois, a auto agressão é consequência do discurso discriminatório do branco, internalizado pela personagem que busca da aparência de uma identidade que não é a sua:

*“Atarefada na prática de descaracterizar-me, ouvia o chiado vitorioso do ferro-quente sobre os meus cabelos: “Chiiii, chiiii, chiiii”. Eu demonstrava contentamento neste ato. “Chiii, chiii”, os cabelos reclamavam indefesos. Tive um acidente, um dia. Num descuido o instrumento autotorturador escapou de minhas mãos nervosas, caindo sobre o lado esquerdo do meu rosto. Foi um acidente. Queimei violentamente a face. Assustei-me. Tive febre. Num delírio febricitante ouvi vozes difusas; “Há, há, há, há. Maria Pretinha não pode ser Maria de nosso Senhor”. Sarei. Ataduras brancas cobriram por muito tempo as cicatrizes esbranquiçadas, para sempre. Cicatrizes e cabelos falsamente lisos complementavam a desfiguração. Eu era triste caricatura borrada. Eu sou uma triste caricatura borrada.” (ALVES, 2011, p. 84)*

Ainda no conto “Um só gole” a personagem se dá conta que alisar os cabelos para esconder suas características naturais representa uma agressão não só física, mas, principalmente uma violência contra sua consciência e contra sua própria identidade, como no trecho:

*“Envergonhei-me de ser o que eu era: “Maria Pretinha”. Envergonhei-me dos cabelos das pessoas pretas que riam e pulavam numa inconsciente alegria. Insanamente, me armei de pente-de-ferro-quente e a todo vapor tratei de amansar a rebeldia de meus cabelos. Neste momento ouvia aquelas vozes: “Há, há, há, ela quer ser Maria, mãe de nosso Senhor”. Tentando apagar o vozerio, alisada os cabelos. Alisava-os. Esticava-os até não mais poder. Eu sabia, junto com os cabelos esticava a revolta. Domava minha consciência. Domava minha tolerância.” (ALVES, 2011, p. 83)*

### **Considerações finais**

É possível observar, após a análise de ambas as obras, que a assimilação do discurso discriminatório do branco por parte do negro, pelo qual passam as duas personagens nos contos, tem origens semelhantes no que se refere a história oficial do Brasil que é contada do ponto de vista do branco e como essa ação promove o afastamento do negro de sua identidade.

Nota-se também que as personagens dos dois contos iniciam as narrativas alheias a possibilidade de serem discriminadas pela raça, em seguida o discurso do branco, que nos dois contos é defendido pela figura do professor, detentor e transmissor oficial do conhecimento, e é assimilado pelas personagens, gerando uma série de cenários de violência e de auto violência, tanto física quanto emocional e moral.

O final dos dois contos é um tanto divergente: “Metamorfose” é concluído com um forte sentimento de injustiça, pois a menina permanece distante de sua identidade: “*Dentro de uma*



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

*semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens.”*(GUIMARÃES, 2001, pág 60) . Já em “Um só gole” a conclusão é positiva, pois a personagem retoma a consciência de sua origem e a aceitação de sua imagem faz com que retome a vontade de viver a vida: *“Em pé olhei-me novamente no espelho: não rastejava mais, não portava mais inconvenientes corcundas. Soltei-me em emoções. Abracei-me à vida. Caminhei.”* (ALVES, 2011, p.85)

A reconstrução da memória do povo negro é fator essencial para o fortalecimento da identidade negra, por isso, a preservação e transmissão dessa memória é tema comum na literatura afro-brasileira de autoria feminina. Como afirma Conceição Evaristo:

*“Existem intenções para criar e abrigar uma memória, assim como existem para criar um esquecimento. Tentar apagar a memória coletiva de um povo é querer impossibilitá-lo de apoderar-se de sua história, é desejar torná-lo vazio, torná-lo realmente sem história. A luta de um povo para conservar, para retomar a sua memória confunde-se com a luta pela sua emancipação, pela sua auto-determinação. A insistência do poder, seja ele no estado moderno ou no estado tradicional em manipular a memória do povo, indica que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objetivo do poder.”* (EVARISTO, 1992)

Conclui-se então que, somente com a volta da consciência da mulher negra para suas raízes é que pode fazê-la aceitar sua auto-imagem e defender suas marcas fenotípicas como sendo marcas de homens e mulheres fortes, que ajudaram a construir o Brasil. Essa retomada da identidade do povo negro só será possível se a própria história e a literatura forem reconstruídas e passarem a considerar o ponto de vista do próprio negro, ou seja, se o negro se tornar sujeito de sua própria história e de sua própria literatura.

Essa luta pela ressignificação e pela manutenção da história e da memória do povo negro é característica da literatura afro-brasileira de autoria feminina e para garantir que esse ideal continue a ser defendido é necessário tornar conhecido nos lugares dedicados à literatura o valor dessa escrita, pois ela abre espaço para que as minorias possam construir e contar suas próprias versões tanto dos fatos históricos como das crônicas do presente.

### **Referências**



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ALVES, M. “Um só gole”. In: **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2011.

DUARTE, E. A.. **Mulheres Marcadas: Literatura, Gênero e Etnicidade**: Revista Terra roxa e outras terras, Vol 17, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasilidade: História e Memória**. Revista Texturaafro, Editora Lê, 1992, Parte III

GUIMARÃES, G. “Metamorfose” In: **Leite do peito- Contos**. São Paulo: Mazza Edições 2001.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SHOWALTER, E. “A crítica feminista no território selvagem” In: HOLANDA, H. B de (org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.